

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

16 DE FEVEREIRO DE 1909

N.º 242

Um anno depois da tragedia do Terreiro do Paço

Exequias na Sé de Lisbôa por alma de
El-Rei D. Carlos e do Principe D. Luiz Filipe



Aspecto do Largo da Sé á passagem da carruagem real

(Cliché de J. Benoliel).

Um anno depois da tragedia

Por alma de El-Rei D. Carlos e do Príncipe D. Luiz Filipe, barbaramente assassinados na tarde tragica de 1 de Fevereiro de 1908, realisaram-se na Sé de Lisboa solemnes exequias, revestindo a cerimonia a maior imponencia e associando-se a ella todos os partidos monarchicos sem excepção do proprio partido legitimista, que obedecendo a indicações do Senhor D. Miguel de Bragança e seguindo a linha de correcção que sempre caracterizou

Exequias na Sé por alma de El-Rei D. Carlos e do Principe D. Luiz Filipe



O Senhor D. Manuel sahindo da Sé

todos os seus actos, se fez representar na solemnidade por muitos dos seus membros e entre elles pela sua direcção.

E' que a barbara tragedia que victimou um rei que só poderia ser culpado perante a consciencia d'uma pequena minoria e um príncipe evidentemente innocente perante qualquer julgamento por mais severo que elle fosse, commoveu todas as almas nobres que são ainda, felizmente, a maior parte da nação, fazendo-lhe reprovar um acto que nem ao menos teve a atenuação a immediata substituição das instituições do paiz.

Com effeito, quando um rei seja tão odiado que mereça a morte, quando os seus actos sejam de tal forma que só o sangue os possa



Exequias na Sé por alma de El-Rei D. Carlos e do Principe D. Luiz Filipe Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia sahindo do templo (Clichs de J. Benolle).

lavar ou fazer esquecer, á morte desse rei deve corresponder a rapida mudança da forma governativa que elle symbolisava.

Quando porem, como em Lisboa succedeu, um chefe de estado é assassinado e o povo em vez de procurar as ruas e as praças publicas, onde as revoluções decidem os destinos das nações, busca assustado a tranquillidade do lar, collocando-se n'uma attitudé de medo e ao mesmo tempo de defeza, como quem teme um ataque de mal-

feitores, então o acto praticado não passa d'uma barbaridade inutil, d'um acto pessoal de fanatismo, sem outra justificação perante a Historia.

E porque isto é afinal assim, diga-se o que se disser, eis porque esse rei, assassinado na occasião em que reentrava na sua capital, entregando-se confiadamente ao seu povo, como elle lhe chamava, servindo-se d'uma expressão que parecendo auctoritaria é ao mesmo tempo carinhosa, ha de ser sempre lembrado sem o odio e com saudade.



A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

Prova-se que o portuguez não tem a noção das proporções. O exagero em tudo. O elogio incondicional e a depreciação apaixonada. A caridade collectiva. Os exhibicionistas. A proposito das subscrições em favor das victimas dos terremotos de Italia. A fome no Douro. Prova-se que Alexandre Dumas filho não era tolo e o auctor d'estas linhas é.

Nós, os portuguezes, não temos a noção das proporções. Somos exagerados em tudo. No louvor e na depreciação, na caridade e na sovinnice, nas lagrimas e nos risos. Sob o ponto do exagero levamos as lampas aos nossos visinhos hespanhoes, de quem contamos picaras aneddotas... que inventamos.

Entre nós, ninguem, da mais baixa á mais alta camada social, se subtrah a esta regra geral do exagero. Em tudo e por tudo, a proposito e mesmo a despropósito de qualquer coisa, a tineta do exagero



Exequias na Sé por alma de El-Rei D. Carlos e do Principe D. Luiz Filipe Sua Magestade a Rainha mettendo-se na carruagem

leva-nos a excessos ridiculos. E tão convencidos estamos d'este mal commum, que quando alguém nos conta com voz alterada e os olhos arregalados um caso que lhe acabam de referir, logo atalhamos com o bom senso de quem tem muita pratica do seu mundo:

— Hum... ah! ha exagero. Você sabe que n'estas coisas se deve dar, sempre, um grande desconto...

— Não ha tal! Asseverou-me Fulano, que viu. Morreram doze pessoas e ficaram feridas mais de vinte.

Temos um sorriso de incredulidade, apertamos a mão do interlocutor e seguimos o nosso caminho. Mas somos detidos por um amigo que, após os sacramentaes cumprimentos do estylo, nos dispara o inevitavel:

— Que ha de novo?

— Disseram-me agora que succedeu um desastre assim e assim. Morreram vinte e tantas pessoas e os feridos são approximadamente cinquenta.

— Homem, você tem a certeza d'isso?

— Absoluta. O desastre foi presenciado por Fulano e Beltrano.

— Ah! ha exagero... Hum... Deixe lá... Entre tantos mortos e feridos alguém havia de escapar.

Sorri á sucapa, despede-se apressadamente de nós e elle ah! vae em passo estugado, desejoso de encontrar alguém a quem conte o caso terrivel, que victimou cincoenta pessoas, ficando feridas para cima de cem...

Diz-se que a paternidade do dictado «quem conta um conto acrescenta um ponto» é attribuida a um portuguez. Seria. Mas com certeza esse portuguez antes de lançar o douto aphorismo... naturalisou-se brasileiro.

No jornalismo, então, dão-se coisas divertidissimas todos os dias

e duas vezes por dia — de manhã e à noite. Quando o parlamento funciona os casos de exagero enaltecedor e deprimente repetem-se com uma frequência de caracter epidemico.

Fallou nos pares, o sr. conselheiro A. B. C. Muito bem. O sr. conselheiro A. B. C. é um dos mais graduados membros do partido pro-



Exequias na Sé por alma de El-Rei D. Carlos e do Principe D. Luiz Filippe
As damas da Rainha

gressista. Duas horas depois de s. ex.^a ter proferido o seu discurso, sae o órgão d'esse partido e n'elle lemos:

«O adeantado da hora não nos permite dar sequer uma pallida idea d'essa brilhantissima oração, que toda a camara ouviu em religioso silencio e causou a maior das impressões. Um verdadeiro assombro! S. ex.^a que é, sem contestação, o nosso primeiro parlamentar, produziu uma das mais extraordinarias orações que a camara dos dignos pares tem ouvido. A resposta do sr. ministro da fazenda, titubeante, com desculpas de mau pagador, foi uma verdadeira lastima. O nosso querido amigo foi alvo de uma grande manifestação de apreço a que até os proprios adversarios se associaram, abraçando-o commovidamente.

Mas eis que na rua apregoam o órgão regenerador. Vejamos o que elle diz. Cá está:

«Na segunda parte da ordem do dia teve a palavra o sr. A. B. C. A cantata do costume. Grandes tropos á falta de argumentos. Cinco minutos depois a sala estava vasia e conversava-se animadamente nos corredores. O sr. A. B. C. continuou por mais meia hora a sua enfadonha lenga-lenga entre bocejos de tres ou quatro correligionarios lieis. Levantou-se o sr. ministro da fazenda. Movimento geral



Exequias na Sé por alma de El-Rei D. Carlos e do Principe D. Luiz Filippe

Representantes do Senhor D. Miguel de Bragança

Da esquerda para a direita: — D. Miguel Vaz de Almada, D. Alexandre de Saldanha da Gama, dr. Pinto Coelho

(Chicleta de J. Benollet).

de attenção. Toda a sala se enche como por encanto. O illustre titular da pasta da fazenda começa por pôr nitidamente a questão, por fórma a não deixar duvidas no espirito de ninguém. E depois cae a fundo sobre as impugnações do sr. A. B. C. reduzindo a pó a argumentação (?) do digno par que n'esse terrivel quarto de hora pediu certamente a Deus lhe abrisse o chão debaixo dos pés. Poucas vezes

a tribuna parlamentar tem sido honrada como hoje a honrou o sr. ministro da fazenda, que é uma das mais legitimas glorias do seu paiz, orgulho do partido a que pertence e da terra que o viu nascer. Toda a camara felicitou calorosamente s. ex.^a»

Falta um jornal republicano. Eil-o aqui. Este diz assim, concisamente:

«A' cantata 27 do sr. A. B. C. responde com a cantata 28 o ministro da fazenda. Dignos um do outro. Quem não os conhecer que os compre.»

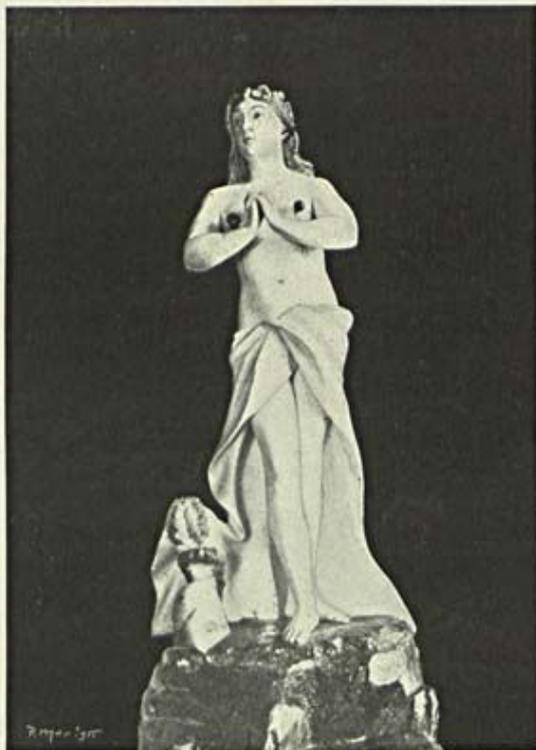
Passemos agora a outro exagero a que chamarei *exagero sentimental*.

Este tem de repugnante tanto quanto o outro tem de ridiculo. E' o exagero dos *snobs*. E' o exhibicionismo, outra doença que grassa em certas camadas como uma febre maligna.

Dar, para esta gente, não é, como diz o popular rifão, emprestar a Deus: é pagar um suave tributo á propria vaidade.

Se é certo que em muitas almas nobres o sentimento de caridade cria amorosamente raizes, não é menos certo que muitas mais não

ASSUMPTOS RELIGIOSOS



S. Manuel

Imagem de jaspe, com ligeira polychromia (Seculo XVIII)

(Pertence ao dr. Xavier da Costa)

são terreno propicio a candida flor do bem e da abnegação. Comtudo, umas e outras disputam-se o *record* da dadiva.

O que agora vimos e veremos ainda, não sei por quanto tempo, relativamente a socorros ás victimas sobreviventes da catastrophe que assolou Reggio e Messina, é alguma coisa de muito singular.

Portugal, paiz pobre e a braços com uma crise que todos dizem tremenda, tem contribuido generosissimamente para a *quete* que a solidariedade humana abriu em favor d'esses infelizes, tão generosamente, que ninguem acreditará que no proprio continente do reino e em uma das suas mais populosas provincias haja fome. E, no entanto, as noticias que chegam do infortunado Douro são de confranger, de marejar de lagrimas os olhos dos mais insensiveis. Um pavor!

Morre-se de fome aqui, entre nós, e parece que ninguem ouve os lamentos d'esses infelizes, abafados pelo tilintar do ouro que se amontoa em favor dos estranhos!

Muito a medo, estão apparecendo nos poucos jornaes que se lembraram — bem tarde! — de acudir a tamanha desgraça, os pequenos, os verdadeiros benemeritos que contribuem com os seus magros tostões para minorar a afflicção tremenda dos nossos irmãos. O grande contribuinte não appareceu ainda. Espera o momento propicio em que todos os olhares possam incidir sobre a sua pessoa. E então dará. Verão que ha de dar e muito. Muito mais do que pode e deve dar. Mas não sentirá a dôr do seu sacrificio anesthesiada pela satisfação da sua vaidade.

Se este bello movimento em favor do Douro que agora se esboça, amanhã se accentuar, como é de prever e é absolutamente necessa-

rio, vereis o caudal do ouro que ahí correrá. Os famintos de agora poderão ainda ser pessoas muito remediadas. Porque então, ninguém dará como quem pretende remediar um mal transitorio mas doidamente, sem conta, nem pezo, nem medida, como é da praxe entre nós. Porque, repito, o portuguez não tem a noção das proporções e não poderá falhar ao naipe do exagero.

Eu mesmo...

Ha cinco annos li um bello dia em um jornal que uma peça minha ia ser representada em beneficio do artista F., muito doente e sem escriptura. Eu devia receber nove mil réis de direitos de auctor por essa representação. E aqui para nós, esses nove mil réis cahiam, n'essa occasião, como sopa no mel, como se pode suppôr, sabendo-se que eu vivo exclusivamente do meu trabalho.

Estava eu muito satisfeito da minha vida quando me vieram dizer que uns senhores me procuravam. Mandeí entrar. Os senhores vinham a ser tres promotores do beneficio que me vinham pedir a cedencia dos meus direitos de auctor. Immediatamente respondi que sim. E meia hora depois, sósinho, matutando em casos bichudos da vida, eu dizia aos meus botões que me roubava em favor d'outrem.

Alexandre Dumas filho, que era muito rico, em circumstancias idênticas, respondeu: «A minha fortuna não me permite fazer esmolas de 300 francos. Receberei apenas 275.»

Moral d'este conto:— eu sou tolo e Alexandre Dumas não era.

CAMARA LIMA.

Capitão João de Almeida

Na sua ultima visita á Guarda, dias antes de embarcar para Angola, afim de assumir o cargo de governador de Huila, foi oferecido ao heroico vencedor dos Dembos um rico e artistico album pelos seus camaradas do exercito, que assim quizeram testemunhar-lhe o alto apreço em que teem as suas façanhas.

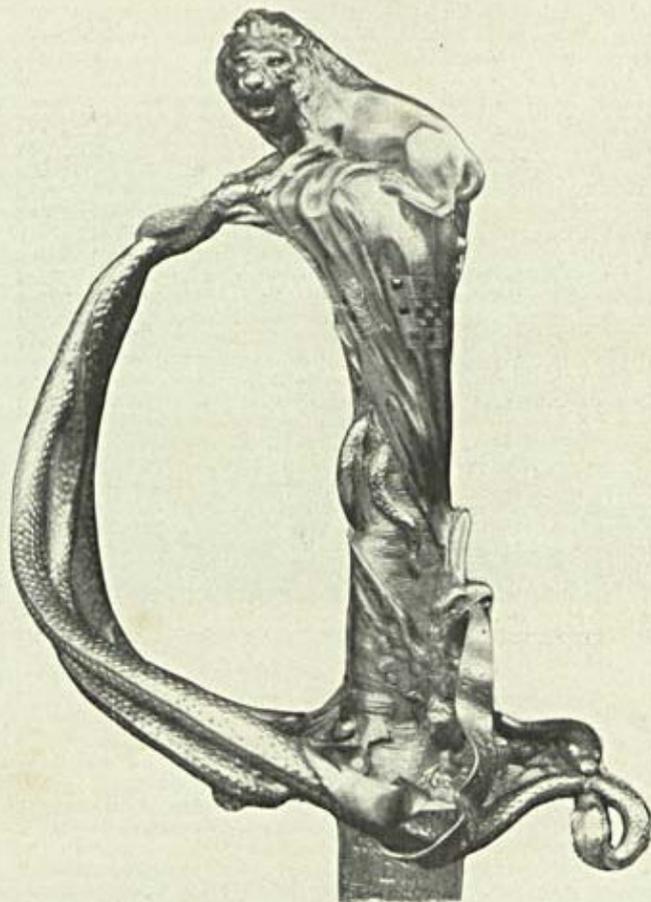
A iniciativa d'esta homenagem foi posta em pratica por uma commissão de officiaes de infantaria n.º 12, regimento onde o glorioso militar assentou praça, secundada por duas sub-commissões, uma em Lisboa e outra no Porto.

Este album que pela sua riqueza e fino gosto é sem duvida o que de



Capitão João de Almeida

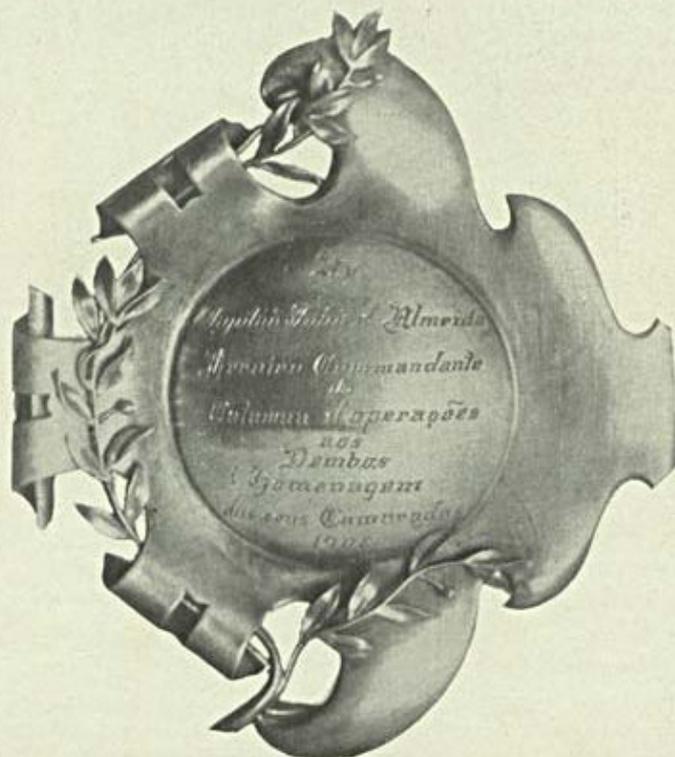
Busto de bronze mandado fazer por um grupo de amigos e oferecido ao Regimento de Infantaria n.º 12, estando collocado na sala nobre do edificio do mesmo regimento



Espada de honra offerecida pelos officiaes da arma de infantaria ao heroe dos Dembos, capitão João de Almeida

melhor, n'este genero, se tem feito em Portugal, abre com uma mensagem que occupa quatro folhas de pergaminho, grande formato, orlada de filetes dourados, sendo a primeira pagina encimada pelas armas portuguezas. E' impressa a preto excepto a primeira letra de cada periodo que é a tinta vermelha, semelhando assim a impressão antiga.

A seguir e em numerosas folhas de cartão, orladas de lindissimas vinhetas verdes e douradas, estão dispostas artisticamente milhares de photographias de officiaes que se associaram a esta homenagem come-



Escudo com a offerta do «Album» representando a homenagem dos officiaes do exercito ao capitão João de Almeida

A reunião política de 2 de fevereiro no palacio da Ega, do sr. Conde da Folgosa



A' direita: os srs. conselheiros Julio de Vilhena e Mattoso Santos
A' esquerda: o sr. conselheiro Pimentel Pinto

quando pelos generaes entre os quaes se notem os srs. Pimentel Pinto, Raphael Gorjão, Moraes Sarmiento, Craveiro Lopes, etc.

Finalmente o album termina por uma lista de mil nomes de officiaes de quem não foi possível obter o retrato e que no entanto tinham auctorisado a sua publicação. Da mensagem de que acima fallámos transcrevemos os seguintes periodos nos quaes são historiados resumidamente os brilhantes feitos do capitão João de Almeida:

A serie de valorosos feitos, iniciada com as operações de 1906 contra os Cuamatás, em que o lançamento da ponte sobre o rio Cunene, a construção do forte Roçadas alem-Cunene sob o intensissimo fogo inimigo, o audacioso movimento envolvente da companhia do vosso comando na energica defeza desse forte, segura a indispensavel base de futuras operações na região do Cuamato, as arriscadas missões ao Cuanhama e Elave, a ultima aos quaes custaria a vossa vida se não fôra a serenidade admiravel de que deste prova, feitos que só por si tão alto falam, teve a sua conclusão gloriosa na arriscadissima e sangrenta campanha na aguerrida região dos Dembos.

Serie, na verdade, brilhante e ininterrupta que afirma qualidades d'um grande militar, e vos torna grande aos olhos da nação toda.



A reunião política no palacio da Ega

Ao centro: os srs. Julio de Vilhena e conde da Folgosa

Estudar essa região insubmissa ha mais de trinta annos, onde tantas missões haviam fracassado e pagado caro, pelo maior preço, com a vida algumas, a sua ousadia e atrevimento, percorre-la d'um a outro extremo, de norte a sul, de leste a oeste, é acto de audacia mais que vulgar.

Mas conduzir uma columna de pouco mais de mil e duzentos homens, através de terrenos enormemente acidentados, por entre populações mais que hostis, em plena insubmissão e revolta, conhecedores dos processos de ataque e defesa europeus, com armamentos e munições aperfeiçoados, instruidos na arte da guerra, fortes e aguerridos, além de ser lucta desigual, é heroismo tocando quasi pela loucura. A penosa e terrivel marcha do Casal para as terras do Cazoangongo, em que a pequena columna, cansada, mortificada pela sede de-

voradora que o sol esbraseante tornava mais crociante, mal podendo arrastar-se de fadiga, se vê no meio da extensa Chana coberta de capim rapidamente envolvida pelo incendio atterrador e voraz que a todos encheu de pavor, e contudo pela ascendente moral do commandante consegue salvar-se e salvar tudo, parece mais um feito fabuloso e lendario que uma realidade; o encarniado combate de Columé; a sangrenta batalha e a passagem do rio Quiulo, admiravel de rapidez, serenidade e precisão de movimentos, sob a acção intensa dos fogos certos do inimigo; a penosissima marcha para Delegação em que a columna teve mortos e bastos ferimentos de gravidade e de entre estes o do seu glorioso e heroico commandante; o extraordinario combate de Chingo, os espantosos assaltos de Quimassa e Quillemba, e da banza Gimbo-Aluquem que foram preparando os animos de todos para o audacioso e surprehendente ataque e tomada de assalto da Sanzalla do Cazoangongo, o centro de maior resistencia de todos os Dembos aliados, e ainda tantos outros feitos não menos brilhantes nem notaveis,



A reunião política no palacio da Ega

O sr. conselheiro José d'Azevedo Castello Branco

são todos actos de inexcédível bravura e heroismo. Se os soldados se comportaram sempre com bravura e disciplina, os officiaes com denodo e proficiencia, o commandante foi de energica prudencia, superior intelligencia, ordenada orientação, e firmeza inabalavel.

Um bom livro

Acaba ha pouco de apparecer uma excellente memoria, verdadeira monographia a respeito da ilha de S. Thomé, e principalmente da Roça Agua Isé, que é uma das mais primorosamente cuidadas n'aquelle fertilissimo e abençoado torrão.

São sempre uteis os livros que tendam a divulgar no publico as noções exactas do que são e do que valem as nossas provincias ul-



A reunião política no palacio da Ega

O sr. conselheiro Teixeira de Souza
(Cliché de J. Benoliel).

tramarinas: mas este é além de util muito opportuno: surgiu em um momento critico para a nossa existencia de nação colonial de primeira ordem, e quando a nossa honrada e disvelada administração publica, e os esforços corajosos de um punhado de portuguezes labutando em Africa, estavam e estão sendo insistente e injustamente atacados por industriaes estrangeiros com poucos escrúpulos de consciencia.

O auctor d'este bello livro, bello pelo seu texto substancial, e bello pela perfeição da edição e pelas admiraveis gravuras de que vem ornado, o auctor d'esta apreciada publicação que veio preencher uma lacuna importante da nossa bibliographia ultramarina, é

Duello entre os srs. conselheiros Wenceslau de Lima e José de Azevedo Castello Branco



O sr. Wenceslau de Lima, que está em frente, tem á direita o sr. conselheiro Villaça

um colonial de altos quilates, um engenheiro distinctissimo, um militar brioso e finalmente um agricultor sabio, um administrador cauteloso e paternal e um economista com um nome já vantajosamente conhecido nas columnas d'esta nossa revista.

O sr. General Conde de Sousa e Faro que já por vezes nos tem honrado com artigos da sua illustre penna, esteve muitos annos servindo como engenheiro proficentissimo no ultramar portuguez, como director de obras publicas, inspector em Angola e em Moçambique, evidenciando sempre pelo seu saber, pelo estudo cuidadoso que a todos os assumptos dedica, pelo bom criterio com que encara as mais difficéis questões, e pela attrahente e suggestiva eloquencia com que nos pinta o que sabe e o que pretende fazer saber aos outros, que é um patriota de grande valor, um sabio e um benemerito.

Este consumado escriptor, com cuja amisade se vangloria o auctor d'estas linhas ha bem perto de meio seculo, exerceu tambem em Moçambique os cargos de secretario geral do governo, o de governador do districto de Inhambane, e ainda outros de alta confiança e responsabilidade, e exerceu-os sempre com intelligencia clara e deixando em toda a parte luminosos e perduraveis vestigios da sua fecunda iniciativa.

São dignos de estudo e de alto louvor um seu regulamento para acautelar o serviço da emigração de colonos indigenas de Moçambique para a ilha da Reunião, a organização methodica que imprimiu á secretaria geral deixada em cahos por alguns seus antecessores, um notavel estudo para a defeza militar da bahia de Tungue e cabo Delgado, e muitos outros trabalhos de não inferior valor.

Se as obras de defeza que elle projectou para os territorios de Tungue até a foz do Rovuma tivessem sido levadas a execução, ou pelo menos iniciadas, mostrando que davamos verdadeira importancia á obra gloriosa de reivindicção e conquista que tinhamos realisado em 1887 sobre as armas do Sultão de Zanzibar, bem provavel é que não tivéssemos posteriormente soffrido, em grande parte por incuria nossa, o affrontoso enxovalho infligido pelo governo da Allemanha com a usurpação da bahia de Kionga.

Em trabalhos materiaes importantes e em obras publicas de grande valor realisadas pelo sr. Conde de Sousa e Faro podemos citar uma bella ponte de madeira sobre o rio Lucalla, o hospital "Maria Pia" em Loanda, que é o melhor do Ultramar, a ponte caes de embarque e desembarque em frente da alfandega da cidade da Praia em Cabo Verde, denominada Infante D. Henrique, e muitas outras que não é necessario enumerar mas que attestam a competencia e talentos d'este distinctissimo funcionario.

Ha já alguns annos que este infatigavel trabalhador, que ao serviço colonial tem sempre devotado todos os seus esforços, está dirigindo a Roça Agua Isé na ilha de S. Thomé, onde já tinha exer-

cido funções de serviço publico com grande competencia e geral applauso. N'essa roça modélo, onde estão em vigor os mais modernos processos de culturas tropicaes, onde a distribuição dos serviços é a mais methodica e sensata, onde os serviços são tratados pela fórma mais paternal e carinhosa possivel, e onde, como aliás em outras roças, ha excellentes e hygienicas habitações para os indigenas, hospitalisação e assistencia medica bem organizada, crèche, e todas as possiveis garantias para preservar os serviços contra os rigores do clima equatorial, sente-se a impressão de que todos, tanto empregados europeus como serviços indigenas, vivem satisfeitos e dão aos proprietarios da roça, em troca dos seus salarios e do bom tratamento que recebem, o melhor das suas facultades intellectuaes e dos seus esforços physicos, para que d'esse conjunto de boas vontades resulte, como realmente resulta, a producção verdadeiramente assombrosa d'aquella privilegiada propriedade rural.

Visitámos essa roça em 1897 e já então podémos admirar os grandes trabalhos iniciados sobre a illustrada direcção do general; foi ella visitada depois por S. A. R. o mallogrado principe D. Luiz Philippe e pelas pessoas do seu sequito, e foram n'essa occasião observados notaveis indicios de progresso. O livro que agora temos entre mãos referente á actualidade e encerrando uma lucida exposiçáo do que é hoje o estado de desenvolvimento da propriedade, apresenta um novo pormenor ao vivido quadro, e fórmula o programma traçado sobre bases mathematicas, estatisticas segurissimas do que ainda resta a realisar em aperfeiçoamentos materiaes, para levar a roça Agua Isé ao grau não muito distante nem já muito difficil de attingir, da sua maxima productividade agricola.

Um dos assumptos que em todos os tempos mais tem preocupado a nossa administração ultramarina, tanto no ministerio das colonias em Portugal como no governo da provincia e na administração das diversas roças cá e lá, é o magno e muito complexo problema dos braços para aquella agricultura especial em uma ilha feracissima como aquella é, mas onde não ha braços, ou onde os que existem se não prestam áquella especie de trabalho.

Esse assumpto, comprehendendo o recrutamento dos indigenas, o seu transporte para a ilha, o seu tratamento, o seu salario e a sua repatriação, tão cheio de minucias curiosas e de um interesse palpitante, acha-se no capitulo V d'esta obra tratado magistralmente por mão experimentada e com um vigor de colorido tão eloquente e ao mesmo tempo tão natural e tão nitidamente exposto, que não pode deixar de impressionar os indifferentes, de convencer os vacillantes, de vencer os incredulos e de desmentir e esmagar os calumniadores de má fé e aquelles que procuram para fins que não vale a pena esmiuçar mas que se acham mascarados em philantropias christãs, prejudicar o desenvolvimento áquella nossa colonia modelar.

Esse capitulo só por si é um tratado muito vehemente, muito patriotico e muito verdadeiro a respeito do assumpto importantissimo do mais contra nós tem concitado a curiosidade dos fabricantes do chocolate britannico e de uma boa parte dos seus escrupulosos consumidores que não querem consumir um producto obtido com lagrimas e sangue!

Este livro superior e cheio de argumentos logicos, baseados em



Duello entre os srs. conselheiros Wenceslau de Lima e José de Azevedo Castello Branco

A' esquerda: os srs. conselheiros Pimentel Pinto, Villaça e Anselmo d'Andrade

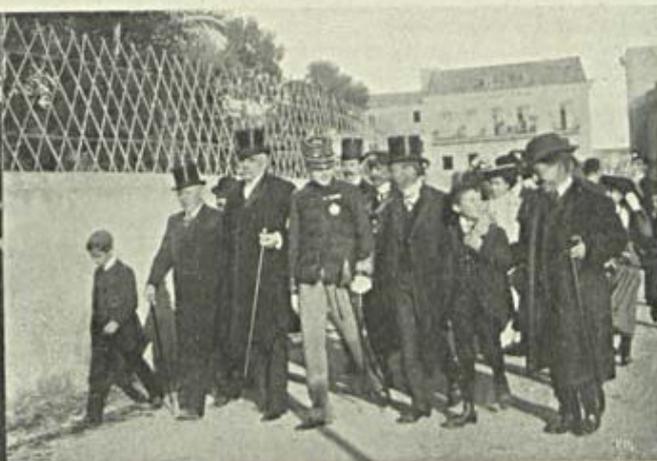
(Clichés de J. Benoit).

factos colhidos na inexoravel verdade que todos podem presenciar, e verificar, mas que bem poucos podem aquilatar com intelligente e superior criterio, e d'elles deduzir conclusões opportunas, merece ser cuidadosamente traduzido em lingua ingleza e divulgado entre aquelles de nossos detractores que criticam em altas vozes os nossos processos, mas principalmente entre o maior numero dos ovinos de boa fé, em cujo animo esses taes pretendem abrir brecha para nos rebaixar e desacreditar aos olhos da humanidade.

Visita de El-Rei á Real Casa Pia de Lisboa



El-Rei assistindo aos exercicios



El-Rei e o sr. presidente do conselho visitando as novas installações

Na Associação Protectora da Primeira Infancia



Os srs. conselheiro Campos Henriques e José Maria dos Santos

Saudamos pois este bello livro como obra prima sob o ponto de vista de vigoroso elemento de combate, sob o ponto de vista litterario e artistico e como um novo e muito valioso subsidio para provarmos ao mundo o que vale o esforço portuguez para o aproveitamento, utilização e exuberante producção de feracissimos territorios ultramarinos.

Bem haja o nobre conde de Sousa e Faro, nosso velho amigo de infancia, que assim continúa honradamente a illustrar o seu nome e o dos seus maiores, a revelar-se um corajoso servidor dos interesses coloniaes, e um grande e sempre valente propugnador das prosperidades nacionaes.

AUGUSTO DE CASTILHO.

Politica internacional

A questão dos Balkans continua a ser a preocupação das chancellarias, muito embora ella tenha perdido em grande parte o caracter agudo e perigoso que a fazia uma seria ameaça para a paz da Europa. Parece mesmo que, depois de tão justificados receios, tudo se encaminha para a solução conciliatoria por que todos os gabinetes trabalham. Conciliatoria por agora, entendê-se, porque o acto da Austria-Hungria, anne-

Na associação Protectora da Primeira Infancia

Distribuição de enxovaes ás creanças, de premios a algumas mães e de medalhas ás protectoras



Dr. Fernando Matlos Chaves, medico, e Rodrigo Ascensão, director da associação



A distribuição de enxovaes

(Clichés de J. Benoliel).

Sob a presidencia de El-Rei, realisou-se no dia 7 d'este mez, na Associação Protectora da Primeira Infancia, a sessão solemne annual para a distribuição de enxovaes ás creanças a quem esta instituição fornece leite, de premios ás mães que mais se distinguiram no tratamento de seus filhos e de medalhas ás protectoras da mesma Associação. As nossas gravuras representam alguns aspectos d'essa festa tão sympathica por todos os motivos.

xando as duas provincias que de facto mantinha em seu poder, é d'aquelles que estão destinados a produzir consequencias permanentes. Tanto peor para a Austria que, julgando engrandecer-se por um golpe á Bismarck, creou para si uma situação insustentavel, tanto no concerto europeu, como especialmente na península balkanica, e até dentro das proprias fronteiras, porque ou nos enganamos muito ou a Bosnia e a Herzegovina estão fadadas para serem o pomo de discordia entre as duas metades do imperio dos Hapsburgos.

Mas em summa já não é pouco, que por agora se tenha encontrado a formula conciliadora que deve evitar a guerra. Conforme é sabido a actual questão balkanica, provocada pela politica do barão

Notas de «sport»

Em beneficio dos sobreviventes do terramoto na Sicilia e na Calabria
Desafio de "foot-ball", entre portugueses e inglezes



O grupo vencedor (portuguezes)

de Aeherenthal, decompõe-se nas seguintes questões parciais: uma questão austro-turca, uma questão turco-bulgara e uma questão austro-servia, para não falar n'uma questão greco-turca, a proposito de Creta, que por enquanto está latente, mas que de um momento para o outro pôde resurgir. Ora das tres questões acima referidas as duas primeiras podem considerar-se como reguladas. Apenas a terceira fica em aberto.

Depois de variadas peripecias chegou-se a accordo entre a Austria e a Turquia a respeito da Bosnia e da Herzegovina, mediante uma compensação pecuniaria que a primeira dará á segunda. Os respectivos protocolos, accetites por ambas as partes, devem a estas horas já estar assignados. Não ha duvida que o que fez abrandar a primitiva intransigencia do governo de Vienna, e admittir o principio da compensação que antes tão altivamente repellira, foi a *boycottagem* do commercio austriaco em toda a extensão do imperio ottomano, *boycottagem* que victoriosamente resistiu a todas as pressões do marquez de Palavicini e que fez perder á economia austro-hungara muitos milhões de corôas. Está achada a arma com que as nações fracas podem combater com exito as poderosas, e que representa no dominio internacional o que no dominio interno de cada nação e na lucta das classes representa a greve geral.

O litigio entre a Bulgaria e a Turquia está tambem prestes a encontrar uma solução, se é que a estas horas não a encontrou já. Chegou-se de parte a parte a accetitar o principio de uma indemnização pecuniaria á Porta, pela proclamação da independencia do Principado e por consequencia pela cessação do tributo da Romelia oriental, que até agora lhe era devido e ainda para lhe dar uma compensação a respeito dos «caminhos de ferro orientaes», de que a Bulgaria lançou mão. A questão agora está apenas no *quantum* da indemnização. Naturalmente a Turquia pede muito e a Bulgaria pelo seu lado offerece pouco. Não quer dar mais de 85 milhões, enquanto que o governo turco pede quasi o dobro. Perante esta intransigencia de parte a parte, a Russia, apoiada pelas potencias, propoz uma combinação em que de facto a Turquia receberia o que pede, sem a Bulgaria ter que dar mais. A combinação é juntar a Russia aos 85 milhões, que a Bulgaria está disposta a pagar, um certo numero de prestações annuaes da contribuição de guerra que á Russia a Turquia está pagando, e que serão annulladas a esta ultima. Esta proposta, engenhosa sob o ponto de vista financeiro e habilissima sob o ponto de vista politico, tem como dissemos o apoio das potencias e especialmente da França, da Inglaterra e da Italia. De principio bem recebida em Constantinopla, parece que á ultima hora encontra ali difficuldades, e falla-se mesmo em que Kamil Pachá, o grão-visir, prefere demittir-se a accetital-a. Veremos em que fica esta opposição, se é apenas formal ou se se conserva intransigente occasionando uma crise de que ninguém pôde prevêr as consequencias.

E' nossa opinião que a pressão diplomatica das potencias amigas em Constantinopla acabará por vencer as resistencias do governo turco; e o *Times*, secundando os esforços conciliadores da diplomacia, avisa hoje a Turquia de que grave responsabilidade incorre ella se rejeitar a proposta da Russia, arriscando-se a perder as sympathias europeas, sem as quaes não pôde ser levada a bom termo a

obra de regeneração nacional, em que estão empenhados os jovens-turcos. Com esta admoestação e com os conselhos dos embaixadores acreditados em Constantinopla é de crêr que tudo se componha, e que por este lado todo o perigo desapareça.

Resta a questão austro-servia. Esta é que por enquanto espera uma solução qualquer, continuando no estado que logo de principio assumiu. O ministro dos negocios estrangeiros servio pediu primeiro compensações territoriaes. Mais tarde substituiu esta exigencia pela da autonomia das duas provincias annexadas. Ora até este momento a Austria não assentiu nem a uma nem a outra cousa. De modo que a questão continúa irreductivel. Alem d'isso, depois do accordo realisado austro-turco e do muito provavel de se realizar turco-bulgaro, as probabilidades de a Servia obter qualquer compensação diminuem muito. E' pois de recear que, vendo-se abandonada, ella tente algum golpe desesperado, com o fim de provocar um conflicto geral donde os seus interesses possam tirar qualquer proveito. Uma guerra entre a Servia e a Austria só pôde ser para a primeira um verdadeiro suicidio. Mas é exactamente com a sua fraqueza que os servios contam, seguros de que a Europa, sobretudo a Russia, os não deixará esmagar. Bem ou mal fundada esta esperanza constitue no entanto o maior perigo na complicada questão balkanica.

Na Persia continúa a lucta encarniçada entre os constitucionaes e os partidarios do Shah, tendo este soffrido varios revezes. Tabriz não sómente continúa a resistir ás investidas das tropas enviadas de Teheran para a submitter, mas tem conseguido revolucionar toda a provincia de Azerbaijan, que de facto se acha em poder dos revolucionarios. Alem d'isso o incendio já contaminou outras provincias. Ispahan revoltou-se, e parece que todo o sul do imperio está em plena rebellião contra Mahomet-Ali. E', como se vê, uma guerra civil em fórma com todos os seus horrores. Apenas Teheran continúa aparentemente socegada, o que não admira porque é na capital que o Shah tem concentrado todos os meios de resistencia, e onde as melhores tropas se encontram aquartelladas. Ainda assim, e como o governo vae todos os dias perdendo força material e moral, não é para extranhar que dentro em pouco essa cidade siga o caminho das suas irmãs, revoltando-se tambem, ou então que os revolucionarios, animados pelas vantagens, que até hoje tem obtido, marchem sobre ella vibrando o ultimo golpe ao partido reaccionario.

De qualquer fórma parece certo que a revolução acabará por triumphar na Persia, para o que concorre sem a menor duvida a situação politica da Turquia, onde cada vez são maiores as probabilidades de se consolidar o novo regimen constitucional. Ao contrario, porém, da revolução turca inteiramente pacifica e incruenta, a revolução persa só pôde a ferro e a fogo abrir caminho em meio das difficuldades que os reaccionarios lhe oppõem. A Russia e a Inglaterra, ligadas pelo accordo que pôz fim á rivalidade de ambas na



Notas de «sport»

Em beneficio dos sobreviventes do terramoto na Sicilia e na Calabria
Desafio de "foot-ball", entre portugueses e inglezes

O grupo inglez

(Clichés do A. C. Lima).

Asia, tem até hoje sido testemunhas impassiveis da anarchia em que se debate o infeliz imperio, bem digno de melhor sorte.

E' duvidoso, porém, se poderão conservar-se indefinidamente n'este estado de passividade, a continuar a desordem que está levando a Persia não só á bancarrota, em que ella de resto já se encontra, mas á propria desintegração nacional, que de facto já principiou tambem.

A contrastar com este quadro desolador apparece-nos a Turquia serenamente a emergir, pelo patriotismo e habilidade dos seus esta-

distas, das dificuldades e perigos de toda a ordem, que tem ameaçado por mais de uma vez pôr fim ao regimen constitucional nascente. A 17 de dezembro do anno findo reuniu-se o seu parlamento, o qual pelo mundo inteiro civilisado foi recebido com uma enorme saudação, que bem representa a sympathia que em toda a parte a revolução turca despertou. Liberta da pressão da crise internacional, que

he, este imperio constitue um verdadeiro museu de raças as mais diversas com distinctos interesses e variadas aspirações. Harmonisar todas estas aspirações divergentes e sobretudo harmonisar-as dando-lhes o cunho turco, quando a maioria do estado ottomano é constituída por gregos e slavos, estando com relação a estes dois elementos os turcos, propriamente ditos, em minoria, não pôde ser

NOTAS DE "SPORT",—No Velodromo

Certamen athletico em beneficio dos sobreviventes do terramoto na Sicilia e na Calabria

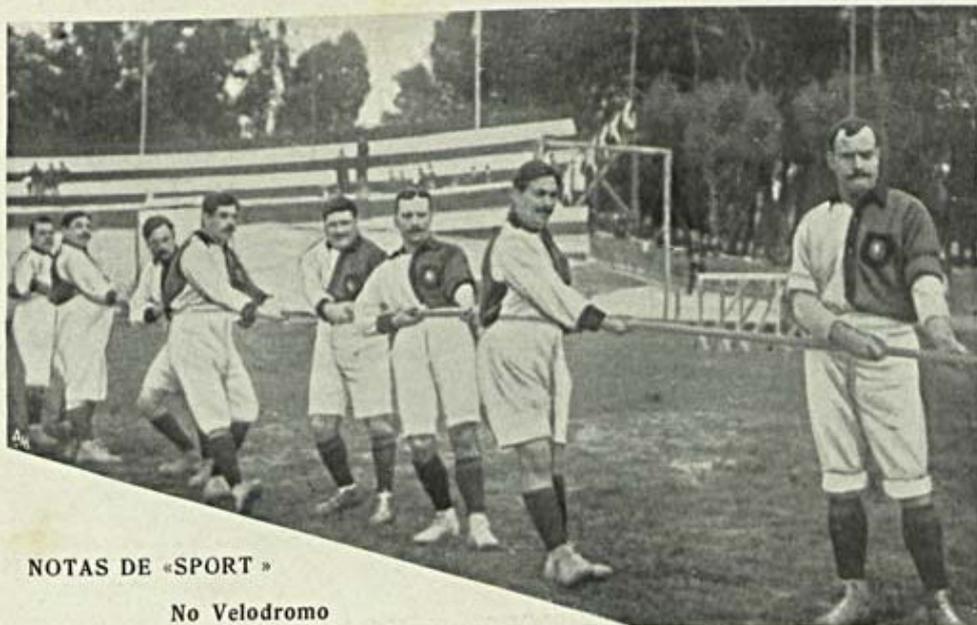


Grupo de meninas que distribuían programmas

felizmente parece debellada, pôde a Turquia dedicar-se à transformação do seu combalido organismo e dedicar toda a sua sollicitude à solução das questões internas, que, diga-se de passagem, não são nada facéis de resolver. Como a paz é, contudo, a condição primordial para melhorar a condição interior do imperio e para desenvolver os recursos em que a nação abunda, é actualmente muito mais favoravel a perspectiva de consolidação da revolução liberal, visto tudo indicar que a paz não será perturbada.

Ainda assim os problemas de toda a ordem, a que os jovens-turcos tem de fazer face, deixam prevêr que não será das mais facéis a tarefa do parlamento de Constantinopla. O facto que mais complica a situação no imperio ottomano é o ethnographic. Conforme se sa-

tafesa isenta de dificuldades. Assim a primeira lucta a ferir-se será com respeito á lingua official do ensino, que os jovens-turcos querem que seja o osmanli, enquanto que os representantes das outras nacionalidades querem que sejam os idiomas realmente falados pelo povo em cada região. Depois da questão das linguas, sempre melindrosa em toda a parte, porque ella é o expoente da nacionalidade, apresenta-se a questão religiosa muito delicada tambem, para não se converter em forte elemento de antagonismo entre a população. Depois d'esta veem por sua ordem a questão financeira, a questão administrativa, a questão militar, e tantas outras, no momento actual apenas esboçadas, mas que amanhã se tornarão imperativas, exigindo uma solução prompta. Como se vê a tarefa do joven parlamento



NOTAS DE «SPORT»

No Velodromo

Certamen athletico em beneficio dos sobreviventes do terramoto na Sicilia e na Calabria

(Cliché de A. C. Lima).

Os vencedores da lucta de tracção (Sporting Club Portugal)



NOTAS DE «SPORT»

No Velodromo

Certamen athletico em beneficio dos sobreviventes do terramoto na Sicilia e na Calabria

A corrida das pernas atadas

turco é das mais serias que tem sollicitado a attenção e posto á prova o patriotismo de uma assembleia politica. Interessante será assistir á maneira como os deputados das margens do Bosphoro vão desempenhar-se do encargo, que tem sido pesado de mais para muito parlamento do occidente da Europa. Serão elles legisladores tão habéis como foram ousados e discretos revolucionarios? E' uma bella demonstração sociologica, a que vamos assistir.

CONSIGLIERI PEDROSO.



RIMAS

Por ter alguém dito que eu lera com interesse versos do sr. Antonio Sergio de Sousa, lembraram-se de pedir-me que escrevesse em poucas palavras a minha impressão sobre essas «Rimas», que sobretudo surprehendem por virem de um rapaz e estarem tão cheias de profunda tristeza, não d'essa que tem por base algum amou de infelizes amores, mas fundada nos angustiosos problemas da vida e da morte, nos mais serios pensamentos que podem encher o cerebro humano.

O *to be or not to be* do grande Shakespeare, essa fonte perennal de tão pungentes interrogações, alanceadora vertigem de tantos espiritos de eleição, tem no auctor das «Rimas» mais um devaneador que busca o segredo impenetravel da terrivel sphinge, impassivel

natureza, bem decidida, creio eu, a guarda-lo, como se não a tivessem os homens feito feminina, na sua ancia de tudo personificarem. Tem versos realmente bellos este livrinho ha pouco publicado.

«Uma vida corre,
Ama, pensa e cré,
Mas um dia morre,
Já ninguém a vê:
Ei-la que se esconde,
Foge... Para onde?
Não ha quem o sonde,
Não se diz porquê.»

Leiam estes e digam se os pôde percorrer de olhos enxutos alguem que a desgraça tenha ferido com a perda irreparavel de algum ente estremecido.

Como são verdadeiros e como n'elles se admira tanto a justeza do pensamento, como o feliz e singelo rithmo da expressão.

São bellas tambem todas as poesias inspiradas pelo espectaculo do mar. Santa preocupação de marinheiro, que em meio do palpar do oceano tenta escutar algum surdo lamento, que revele o logar onde outr'ora desapareceu um valente navegador, ou pede ao limpido cristal da onda que lhe deixe ver o corpo inanimado de alguma das lendarias figuras da nossa grande historia, como no soneto Corte-Real.

Estremecerão ellas, essas ossadas, quando os filhos assim novos da patria muito amada sulcam os mares, onde as rijas aventuras de tanta existencia gloriosa acabaram no seio da morte?

De muitos que passam, bem poucos, como o sr. Sergio de Sousa, se debruçarão das amuradas a profundar taes mysterios, mas um que tenha havido e que esse tivesse o talento que elle tem para trazer em bellas estrophes os seus formosos pensamentos, esse mesmo por mysteriosas repercussões de que não podemos avaliar a



NOTAS DE «SPORT» — No Velodromo

Certamen athletico em beneficio dos sobreviventes do terramoto na Sicilia e na Calabria

(Clichés de A. C. Lima).

Aspecto geral da assistencia. — Entrega d'um premio ao corredor sr. Barley



Desembarque, em Lisboa, dos filhos do sr. Barão do Rio Branco, ministro dos negocios exteriores no Rio de Janeiro, que foram cumprimentados pelo representante do ministro dos estrangeiros, pelo ministro do Brasil e outras pessoas de distincção

(Cliché de J. Benoit).

natureza, não irá dar áquelles mirrados restos algum fremito consolador, como de aragem da terra amada entre todas, ou ecco de voz querida, ha muito distante do ouvido?

No meio d'estas poesias tristes, serias e profundas, encontram-se alguns versos de outra indole, como a fresca e flagrante «Flor campestre», sorriso de mocidade, delicado e attraente, no meio da gravidade austera das outras rimas.

São uns versos estes da «Flor campestre» em que a arte se disfarça com muita felicidade na mais adoravel singeleza, dando um quadrosinho lindamente colorido, grato até mesmo aos olhos d'aquelles que muito têm chorado, como miragem de esperanças evolutas, ou prece rendida a Deus por ter deixado ainda alguma cousa boa ao mundo.

18 de Novembro de 1908.

Anna Maria Ribeiro de Sá.



Antonio Sergio

O PACIFICO

(1520)

O Oceano em seu esplendor, desdobra a vaga rude
N'uma brava, tenaz, indómita corrida,
E o vento leva ao largo a grande voz dorida
Do rouquenho troar com que na rocha explode.

Quem pode imaginar, na funda quietude
Que mágica, infinita e deslumbrante vida,
Que vertigem de cor e forma traz sumida
Do transparente abismo a eterna juventude!

Agora, muito brando, e immensamente calmo,
Sobre o divino mar, virgem, soberbo e almo,
Cae o clarão do sol como um fulgôr de gloria...

Mas eis que um estremeção percorre o vasto leito:
Grácil, branca, a sorrir, da bôca azul do estreito
e a primeira nau: — chamava-se a *Victoria*.

OS BOIS

...Le songe intérieur qu'ils n'achèvent jamais...

L. DE LISLE.

Sobre vós, bois d'olhar manso,
Que branda que a noite vem:
Nos ramos, nem um balanço;
No vasto ceu que descanso,
E que paz em vós tambem!

O plaino é calmo e saudoso:
No fundo já quasi dorme
A serra em repouso,
Curvando o corpo anguloso
Qual, sopito, um monstro enorme.

O tectosinho inclinado
Vae mergulhando na sombra:
Contempla o dono, enlevado,
Sobre o horizonte encarnado,
A vastidão que o assombra.

Na poça d'agua estagnante
Revê-se a herva pendida,
A claridade expirante,
E a nuvem do ceu distante
Que perpassa esmorecida;

Na ramada, a cautilena
Que lhe diz a viração:
Em vós, bois d'alma serena,
Quando vem a tarde amena
Se reflecte a criação.

Sonhaveis ao sol nascente
O que andaes sonhando ainda...
Segui, bois, tranquillamente,
Na vaga luz d'essa mente,
O sonho que nunca finda!

Antonio Sergio.



Sarau no Colyseu dos Recreios
em beneficio dos sobreviventes do terramoto na Sicilia e na Calabria



D. Maria Manuela da Cunha Menezes

Está ainda bem impresso, no espirito de todos que a ella assistiram, o intensissimo brilho da festa, promovida por Sua Alteza o Senhor Infante D. Alfonso, e realisada no Colyseu dos Recreios, na noite de 4 do corrente.

Foi, certamente, essa festa a mais brilhante que ali se tem produzido, graças ao concurso de elementos distinctissimos, que coroaram, por completo, os árduos esforços da illustre commissão que, tão habilmente, conseguiu organizar aquelles esplendidos trabalhos.

D'entre os primorosos numeros que constituiram o magnifico programma da festa, destacou-se o da apresentação do cavallo *Bomtempo*, montado pela gentil e denodada amazona D. Maria Manoela da Cunha Menezes, estremeçada filha e discipula do emi-

O terramoto na SÍLIA e na CALÁBRIA



Missina depois da catástrofe

Diferentes aspectos da cidade

ente professor d'equitação D. José Manuel da Cunha Menezes, que, acedendo a um pedido de honroso convite de Sua Alteza o Senhor Infante D. Al. At. e em sua qualidade de professor de Suas Altezas Reaes, permitiu que, em sua interessante illa e disciplina realisasse o programma da arena.

O inexcusable valor d'este numero foi calorosamente apreciado pelo publico que encheu a sala do Coliseu, ovacionando, com o maior enthusiasmo, a pontilissima cavalleria cujo trabalho foi impecavel.

Mas poderia a maior parte de aquelle publico ter uma perfeitissima comprehensao do verdadeiro trabalho que admittiu e applaudiu com tanto ardor?

Sabera a maior parte d'aquelles espectadores o que é uma maneira de 12 annos d'idade montar um cavallo, levando por uma educacao magistral, ao mais alto equilibrio que se pode existir, e obrigá-lo, por uma serie de complicadas e finas ajudas, a produzir as mais difficilissimas exigencias da alta escola? Tudo isto so os produtores e politeros apreciam devidamente e esses, podemos affirmar-o, assistiram a um caso inteiramente novo nos annos do sport hippico, e difficil qualquer pratica com necro, o foite, o galope, o talleter, etc., de 12 annos que se tem em seu laborio da alta escola e praticar as passagens de mudo, o tempo, do galope, o balance de espaldas e o ha de mais admiravel e galope para a recta, e de todo o que ha de mais modesta noticia tudo o que nos, São cabe nos limites estreitos q'ue quantidades de cavalleria que poderiamos dizer sobre as instigues vinhos falando. Todos os assistentes d'este espectáculo de poderam admirar a serenidade, o decore, a elegancia e a firmeza e fidelidade da alta escola, já executando dois magnificos saltos que acabaram o seu brilhantissimo trabalho.

Não podemos terminar sem felicitar o nosso particular amigo D. José Manuel da Cunha Menezes, pela apresentação do seu bello

cavalleo *Bon tempo*, cuja ensino constitue tudo o que na e tem havido de mais primoroso e brilhante no nosso meio hippico. Um distincto professor de equitação, francez e discipulo da grande escola de Saumur, quando viu o trabalho do cavalleo *Bon tempo* disse-lhos:

«*C'est un cheval, tout-à-fait bien mis.*»
E' uma phrase que deve endor de orgulho o insigne professor D. José Manuel, e de gloria a equitação de Portugal.

Liisba, 15 de fevereiro de 1908.

José Chaves.



Depois do terramoto de 1755, appareceram muitos folhetos referentes á catástrophe, alguns dos quaes são hoje rarissimos. A dora d' cada ultimo, arrancamos os sonetos que se seguem:

A Lisboa arruinada

Oh quanto, Caminhante, bem reparas!
Como he justo tanto sentimento!
Porque vês eolypso o luzimento
Da cidade melhor entre as mais traras

Aqui da dor movido attento paras,
E, reflectido com o pensamento,
Vês em cinzas a mesma, que, portenta
Da grandeza e do bello, contemptraras.
A vez-te pois, que tanta magoatada
Do Reino gloria, se do mundo separta.
Em tempo breve foy amquiada.

E colhe para ti esta verdade,
Que igual a Lisboa er: estrago tanto,
So agora os homem, logo seira nada.

Sobehna Babyonangestruida,
Por impudicos da tua elevação,
A não chorar-te o Reino de Siao,
Não toras Babytonia presumida.

Tu Lisboa, a Babel bem parecida,
E por tudo Babel na confusão,
Sem castigo da tua profusão,
Tua mesma sobehna foi caída.

Da torre a elevação não consentio
Da Susreina alheio seu vigor,
Por subir de alto ponto o desvario;
Assim foite, oh! Lisboa, mas oh dor!
Que chora o mesmo dia que te vio
Destruida em hum quarto de tremor.

Manoel Duarte de Almeida

Os magnificos versos que este eminente poeta e nosso prezado amigo consagrou á memoria de Anthero de Quental e que foram publicados no ultimo numero do *Brazil-Portugal*, salienta, por incruza da revisao, com alguns erros, o que muito lamentamos. Assim, publico-lhe-hemos de novo no numero seguinte, e juntamente com elles o notavel soneto *Arruinado-grophi*, do mesmo illustre poeta.

Semana santa dos chins

Os habitantes da China tambem tem a sua semana-santa, que tem lugar no mez de junho, e dura dez dias.
O primeiro dia chama-se Kye-Yat. Neste dia, consagrado ás aves, não se come carne, e escondem-se as varcoiras e as campainhas.

O segundo dia, Kou-Yat, é o dia das cãs. Os chins tom os cãs em tal veneração, que empregam operarios na construcção de tumulhos, em que guardam os cadavers d'estes animaes, julgando que um cão llyrou certo sabio da morte, decora dos cãs.

O terceiro dia, que chamam Chou-Yat, é o dia dos porcos, em que se queimam os seus cadavers. Neste dia não se come carne de porco. O mesmo chinez que explicou a solennidade do terceiro dia, contou uma fabula absurda acerca de certo macaco, que, seguindo elle disse, descobriu na China um manuscrito quasi destruido. Tendo este manuscrito sido parar as mãos de um europeu, dalle se extrahiram as 24 letras do nosso alphabeto. Este conto absurdo dá idea da excessiva vaidade dos chins, e de quanto desprezam os europeus. Muitos chinezes estão persuadidos de que os macacos, por captivo so, não fallam como os homems.

O quarto dia, Yaong-Yat (dia das ovelhas), é consagrado a Kou-Vorpa, pastor que viveu pobre, nutriu-se de legumes, e que ensinou as vanguardas de ensinar os chins a cultivar o arroz, que lhe foi dedicado, so recebem, como offrenda, fochas legumes e vinhos.
O quinto dia, tem o nome de New-Yat (dia das vacas), porque um d'ellas animaes amonitou uma creanga, que depois foi mandada a fim e lhe consagrou um templo.



O TERRAMOTO NA SICILIA E NA CALÁBRIA — Messina

Diferentes aspectos da cidade

Como ficaram algumas ruas da cidade

O sexto dia, Ma-Yat é o dia dos cavallos. Instituiu-se esta festa para que o povo tivesse em consideração um tão útil quadrupede.

O sétimo dia é consagrado ao homem: chama-se Yen-Yat. Pon-Tso, que ensinou os chins a servirem-se do arroz, do trigo e da carne, é a divindade do dia: tem um templo. Consistem as offrendas que se lhe fazem, em vinho e legumes.

O oitavo dia, Ko-Yat (dia do grão); o nono, Mo-Yat (dia do linho); e o decimo, Yo-Yat (dia das favas e das ervilhas), são todos consagrados a Pon-Tso, que é o protector de quasi todas as descobertas uteis. Pon-Tso, segundo dizem, viveu tanto como Mathusalem, e era tão sabio como Salomão.

THEATROS

D. Maria — *Caminhos tortuosos*. **D. Amélia** — *O tio Milhões*. *A Lagartixa*. **Trindade** — *A Serrana*. **Gymnasio** — *A prima Annica*. **Príncipe Real** — *A tia Leontina*. **Avenida** — *A Gueicha*. **Colyseu dos Recreios** — Companhia de variedades.

Fervet opus. — O theatro portuguez bat son plein. Onde não ha peças novas ha reprises mais interessantes que algumas d'ellas, melhoradas e actualisadas por novos artistas, por novo scenario, e até por mais aprimorados ensaios.

Tem-se succedido os originaes portuguezes, não ha duvida, mas muitos d'elles tem o triste condão de morrer à nascença, ou pouco menos. O que é realmente para penalisar é que não constitua especialidade dos nossos auctores dramaticos a chamada veia theatral. Marca-se-lhes a boa vontade de acertar, o esforço de conquistar palmas e gloria, e n'alguns d'elles, nos novissimos, nos de talento e originalidade como se convencionou chamar aos mais ousados e faltos de geito, e se ficarmos por ahí creiam que ficamos muito bem.

D. Maria deu-nos uma peça em tres actos, do sr. Cesar Porto — *Caminhos tortuosos*. Ahí está uma obra, que representa valor e trabalho, mas em que o auctor não conseguiu o seu fim, se o seu fim era como parece dar a ultima palavra na estafada questão do adulterio. O sr. D. Alberto Bramão é contra a separação dos conjuges e é pelo divorcio. O sr. Cesar Porto não quer o divorcio nem a separação. Quer que os conjuges continuem, depois do peccado confessado, a viver na intimidade para os outros, mas separados entre si. De fórma que seria mais acertado, em vez de *Caminhos tortuosos*, chamar á sua peça *Guerra ao escandalo*.

Alguns artistas se distinguiram no desempenho de papeis mais em evidencia: Adeline, Barbara, Augusta Cordeiro, Maia, Joaquim Costa, Luiz Pinto e Ignacio.

O *Tio milhões* e a *Lagartixa* são as duas peças, tão laureadas e applaudidas, que acabam de passar pelo theatro **D. Amélia**. E tão bem representadas foram ambas ellas, tamanho realce deu Palmyra Bastos ao interessante papel de noiva d'esse *Tio milhões* de que Augusto Rosa faz uma creação inconfundivel, Angela Pinto e José Ricardo fizeram da *Lagartixa* e do *Petypon* duas figuras tão poderosamente comicas, que as repetições d'essas peças foram duas *premières* das mais ruidosas e brilhantes.

Na **Trindade**, que continúa a prestar á arte portugueza o mais valioso serviço, adaptando á nossa scena operas estrangeiras, vae ser aberta uma excepção, por isso que é bem original, bem portugueza, a opera que se está ensaiando, e que por estes dias vamos mais uma vez applaudir: a *Serrana* de Alfredo Keil.

Da *Carmen*, que tão applaudida foi e de que já falámos, damos em photogravura duas scenas interessantes.

O **Gymnasio**, fabrica de gargalhadas, não se exgota. Tanto fez rir no *Olho da providencia* que era para receiar uma fadiga, e portanto uma paragem.

Pois ainda o riso escancarava as faces dos seus fieis ouvintes, e eis em scena outro fóco desopilante. Eis-nos em frente da *Prima Annica*, a engraçadissima peça em tres actos de Ernesto Rodrigues e Xavier Marques, auctores já consagrados no genero humoristico. A scena da batota, a da bruxa, a dos Tancredos, a dos passes de capa ao boi, as das marradas, e tantas outras, são verdadeiras *trouvailles* que fazem rir escandalosamente o publico, ainda realçadas no desempenho de Jesuina Marques, Jesuina Saraiva, Cardoso, Valle, Telmo e Alegria.

O Olympo dos deuses está sendo o **Príncipe Real**. Depois de Brazão e Ferreira da Silva chegou a vez de Lucinda Simões e Christiano de Sousa. Para fazer de um pequeno theatro um grande theatro não ha como um grande artista. E aqui não ha um, ha quatro. Quatro dos maiores, dos mais aclamados, e á frente a mestra consagrada, a mestra por excellencia, da arte de representar: Lucinda.

E' vê-la no seu papel de Madame Dumont, n'essa comedia tão viva, tão bem observada, tão actual, que se chama *A tia Leontina*, primorosamente traduzida por Christiano, do original francez de Boniface e Edouard Bodin. Não ha para o espirito encanto maior que o de ver representar assim. Na maneira de ouvir, de marcar em todas as phases a precisa intenção, de revelar a duplicidade de mulher interesseira e honesta, de fixar o ascendente sobre o marido, de pôr acima de tudo o dinheiro e as conveniencias, Lucinda eleva-se á altura de suprema comedianta. Não se representa melhor, não se pôde representar melhor. Os bravos com que no theatro acolhemos o seu trabalho continuamo-los n'esta columna com a mesma convicção e o mesmo entusiasmo.

Christiano, um artista moderno, em todas as phases do personagem, fez o papel de noivo, cabotino e egoista, com uma grande arte e uma nitida comprehensão de todas as difficuldades, que venceu.

O outro personagem importante, a cujo desempenho seria injustiça regatear louvores, é o do marido *Dumont*. Pato Moniz sustentou até ao fim esse papel, por fórma a compartilhar com justiça dos applausos que coroaram o trabalho de Lucinda e Christiano.

Reproduzimos a seguir uma das mais bellas scenas do *Azebre*, que acompanham os retratos de Lopes de Mendonça e Ferreira da Silva.

Uma das mais lindas e delicadas operas comicas é a *Gueicha* que nos deu a semana passada o theatro **Avenida**. Lindo o entrecho, interessantes os costumes japonezes, deslumbrante a *mise-en-scène* e a musica de uma ligeireza, de uma originalidade, e de um encanto que a torna entre todas inconfundivel. A versão é de Accacio de Paiva o que basta dizer para dispensar louvores.

Medina de Sousa, Auzenda de Oliveira, Julia Mendes e os actores Gomes e Pinto Ramos, encarregaram-se de traduzir pelo canto, pela graça, e pela fórma de representar, as delicadezas e as finuras da *Gueicha*, que o publico calorosamente applaudiu.

E pomos ponto com... o **Colyseu**, em que as mais imprevisas novidades se succedem, em que os mais variados numeros alegram todas as noites o publico de Lisboa, de ha muito convencido de que o empresario do vasto e elegante recinto da rua de Santo Antão não tem quem o exceda na sciencia do *métier*, e na provada competencia de organisador de espectaculos sensacionais.

O Azebre

SCENA XV

FIDELIO, ADELIA

FIDELIO

(*Aproximando-se da mesa*) Pois sim. Entretanto deixa-me crear alma — que isto de alma parece que tem por costume alojar-se no estomago.

ADELIA

(*Depois de verificar que estão sós, parando a meio da scena*) O senhor não quer mais nada?

FIDELIO

(*Estremece ao ouvir-lhe a voz, levanta-se espantado, e adeanta-se para ella*) Tu? Tu aqui, Trunfa d'Oiro?

ADELIA

(*Com uma venia*) Uma sua creada, para o servir.

FIDELIO

Como vieste tu aqui parar?

ADELIA

Ora! como havia de ser? Vi um annuncio a pedir uma creada, vae, apresentei-me; creio que estavam entalados com falta de sopeira, e tomaram-me logo sem inculcas nem nada.

FIDELIO

O diabo és tu! Se percebem esta lepra cá em casa, temos medidas sanitarias a picareta, que vae tudo raso!

ADELIA

Não tem duvida. Já não podia mais. Tu nunca apparecias, e eu estava ralada de saudades. Queria matar esta sede de te vêr, meu Fidelio. Agora estou contente. Se tu não me pões fóra, verás como eu me porto com termos, como eu me faço sizuda e bem falante... só por amor de estar ao pé de ti.

FIDELIO

(*Enterrecido*) Coitada da minha Trunfa d'Oiro!

ADELIA

Verás! É só lembrar-me do que fui, antes de ser o que sou. Quem é capaz de descobrir no meio d'este luxo todo a galdrana lá da Mouraria? Isso sim! Tinha só medo de uma pessoa — por via d'ella é que eu não quiz apparecer até agora na sala. Sabes? Aquelle teu amigo que lá te foi desencantar á agua-furtada... Má rás o... Desculpa! Esse estafermo é que foi a origem de toda a minha ralação! Bem desconfiava eu, quando elle me impingiu as duas rodas taludas, que o trocatintas não ia alli por bom. Sabes o que eu fiz ás duas rodas? (*Quasi em segredo*) Fui dal-as ao Senhor



Lopes de Mendonça. — Auctor do «Azebre»

dos Passos, p'ra ver se Elle me arranjava meio de vir p'r'o pé de ti! *(Muito alegre, elevando muito a voz)* É o caso é que Elle arranjou, bemdito seja! Aqui me tens, aqui. *(Baixa repentinamente a voz)* O' diabo! a modo que eu estou fazendo muito estardalhaço!

FIDELIO

Coitada! coitada!

ADELIA

Ainda não me deste um beijo, sequer ao menos. *(Vae a agarrar-se a elle)*

FIDELIO

(Repellindo-a brandamente) Espera! espera!

ADELIA

Tens medo que nos pilhem? Qual carapuça! Está tudo a ferrar o galho! Deante de gente, excusas de estar com susto que te comprometta. Já sei a giria toda das creaditas da alta. Queres vêr? *(Assumindo ares modestos, mãos nos bolsos do avental, voz meliflua, fingindo falar com alguém que está sentado)* «Minha senhora, o almoço está na meza.» *(Voz natural)* Vês? *(Como acima)* «V. Ex. determina mais alguma cousa?» Hein? que dizes a isto? «V. Ex. tem a bondade, dá-me as chemisettes para eu passar a ferro.» Hein? Não pareço uma pessoa fina? *(Agarra-se a elle, beijando-o pleneamente)* Dá cá um beijo e mais outro... e mais outro... Deves-me cinco mezes de beijos!

FIDELIO

(Tentando repellir-a) Minha pobre Trunfa d'Oiro! Precisamos ter juizo!

ADELIA

Ora adeus! Não me dizias tu tanta vez que o juizo era uma invenção de tolos?

FIDELIO

(Reflectindo) É verdade! Dizia isso! Dar-se-ha caso que eu esteja tolo tambem? Que diabo! Vens tu aqui de tão longe, lá d'esse lindo valle da Vid'Airada, esfalfada da ladeira que te trouxe a esta charneca da Virtude... Vens tu de lingua de fóra, a impar de saudades, ajoujada com essa bagagem de beijocas frescas... É eu hei de receber-te com o sobreceño tremendo do senhor S. Pedro, se acaso desse de cara commigo á porta do Ceu? Nada! Qual historia! Desempacota depressa o farnel das caricias e vamos lá regalar-nos com essa petisqueira! *(Toma-a nos braços e beija-a)*

ADELIA

Meu querido Fidelio!

FIDELIO

Já quasi que tinha desaprendido a dar beijos, a não ser... *(Olha para o berço, e estaca, afastando Adelia de si)*

ADELIA

Que é isso? que tens tu?

FIDELIO

Minha rica, bem dizia eu que era necessario juizo. Encarrilaram-me agora nesta linha, que queres tu? Aqui onde me vês, marchó

para os cincoenta a toque de caixa, e trago a mochila pesada com pieguices de avô. Está alli aquelle general a defender os baluartes da minha moralidade. Não entra cá o exercito inimigo! Tem paciencia! Em retirada, a marche-marche! *(Chegando-se ao berço)* Bravo, seu valente! O assalto foi repellido!

ADELIA

(Chorosa) Mandas-me embora, Fidelio?

FIDELIO

Que se lhe ha de fazer? Não cabem no ceu duas luas... *(Aponta para o berço)* e eu agora sou todo lua nova. Escurinho, sim, mas não tardam a reponer umas lambagens do crescente. A lua cheia de agosto, onde irá ella, com o seu diabo solto? O que eu quero agora é a de Janeiro, fria mas serena... Juizinho e cabeça fresca! Vae-te embora, pequena, que é melhor!

ADELIA

Então assim me pões na rua!

FIDELIO

Não, na rua não! Petiscas uma somneca na toca da formiga... e amanhã seguirás o teu destino de cigarra. Para não ires com as mãos a abanar, livras-me de uns cobres inuteis que eu tenho lá em cima...

ADELIA

Tu offereces-me dinheiro, Fidelio? Então está tudo acabado! É que já não me tens amor... nem um bocadinho! *(Chora)*

FIDELIO

(Vindo a ella) Mau! Deita o coração á larga, que isso é instrumento que não se quer peiado! Quanto mais tu molhas a cara, mais eu sinto os gorgomilos secos... Deveras! Estou com uma sede! Vamos ao refresco! *(Pega no copo, e bebe um golo)* Espera! Isto não é orchata!

ADELIA

(Soluçando) É um grog! Sabia que gostavas mais...

FIDELIO

Coitada!

ADELIA

Tem dó de mim! E de ti tambem! Olha! eu apaparcava-te tanto... ás escondidas, já se vê... se tu me deixasses ficar p'r'a-



Ferreira da Silva

O principal interprete do «Azebre»

hi, onde eu pudesse ver-te de quando em quando... dar-te assim um beijinho a furto... Ninguem sabia, ninguem...

FIDELIO

Não póde ser! não póde ser! Até nos meus tempos de doido, era isso doidice desmarcada.

ADELIA

Ó meu Fidelio! Deixa-me ao menos demorar dois dias... ou tres... Estes minutos só não bastam para matar saudades de tanto tempo. Deixa, deixa, sim?

FIDELIO

Valha-me Santo Antão no deserto!

THEATROS. — Trindade. — “Carmen,, — 3.º acto

ADELIA

Deixa-me, Fidelio! Faze isto que te peço...

FIDELIO

Olha! Amanhã falaremos... Eu pensei... que eu agora estou com este mau séstro... Eu pensei se posso conceder-te dois dias... Mais não!

ADELIA

Ó meu Fidelio!

FIDELIO

Bem, bem! Agora vae-te deitar. Se alguém te bater á porta, não imagines que sou eu, mesmo que ouças a minha voz... Dorme socegada.

ADELIA

Só se tu me deres um beijo... um só... para a socega

FIDELIO

(Beijando-a) Toma! *(Repelle-a logo)* E vae... vae... adeus!

ADELIA

(Suspirando) Adeus! *(Encaminha-se muito devagar para a E., olhando sempre para traz, como na esperança de que Fidelio a detenha. Este vae á mesa e começa a comer as sandwiches, de costas voltadas para ella. Adelia põe ainda uma vez perto da porta, e diz com grande ternura)* Boa noite, Fidelio!

FIDELIO

(App rentando segura) Boa noite, boa noite! *(Adelia sae pela E.)***Trindade. — “Carmen,, — 4.º acto***(Cliché de A. C. Lima).*